



CONHECIMENTO E ATITUDES DE DISCENTES DO CURSO DE MEDICINA SOBRE A SURDOCEGUEIRA

Palavras-Chave: COMUNICAÇÃO, SURDOCEGUEIRA, ATENÇÃO À SAÚDE.

Autores/as:

HEITOR AIDAR VICENTE DOS SANTOS [FACULDADE DE MEDICINA DA PUC-CAMPINAS]

Prof.^a Dr.^a MARIA ELISABETE RODRIGUES FREIRE GASPARETTO (orientadora) [UNICAMP]

INTRODUÇÃO:

A Graduação em medicina tem como princípio a formação de um profissional, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, capacitada a atuar, no processo saúde-doença em seus diferentes níveis de atenção, com ações de promoção, prevenção e reabilitação, na perspectiva da integralidade e promoção dos direitos humanos. Os avanços da medicina, ao mesmo tempo que salvam muitas vidas, impõem novos desafios no atendimento às pessoas com deficiência. Considerando a interação médico-paciente, a comunicação é fundamental e o desafio da assistência médica as pessoas surdocegas passa a ser maior porque as formas de comunicação irão variar de acordo com o grau da perdas visuais e auditivas e também pela fase da aquisição da linguagem dessas pessoas (CADER-NASCIMENTO & FAULSTICH, 2016).

A surdocegueira consiste na deficiência singular das perdas auditiva e visual concomitantes e impõe às pessoas acometidas diferentes formas de comunicação e decorrente disso, institui a diversidade na reabilitação exigindo conhecimento específico por parte dos profissionais (TINO, 2018).

As diferenças de acometimento quanto à faixa etária e aos graus de perda dos sentidos determinam as características específicas de cada caso, sendo os acometimentos classificados em: comprometimento auditivo com baixa visão; surdez profunda e baixa visão; comprometimento auditivo com cegueira; surdez profunda e cegueira. Entre as principais etiologias da deficiência congênita, destacam-se prematuridade do nascimento, rubéola congênita, meningites e síndrome Charge. A surdocegueira adquirida, por sua vez, é causada principalmente pelas síndromes de Usher e de Wolfram (GASPAR, et al, 2015).

A ausência de informação, associada a outros recursos, impede atendimento e orientação adequados à pessoa surdocega, gerando sentimento de impotência. Desse modo, pode ocorrer atraso no desenvolvimento e conseqüentemente as necessidades e acessibilidade deixam de serem atendidas devido ao despreparo dos profissionais ou a ausência de recursos (MASINI, 2011).

Por meio do conhecimento de quem é a pessoa surdocega e dos recursos de tecnologia assistiva, torna-se possível não só o estabelecimento de uma relação de confiança pelo profissional, mas também de acessibilidade e, o aprofundamento de pesquisas na área (CHARIGLIONE, 2018; GASPAR et al, 2015; MASINI, 2011).

Considerando todos esses aspectos esta pesquisa teve como objetivos: Identificar conhecimentos e atitudes de discentes do curso de medicina a respeito da surdocegueira e, construir e disponibilizar aos discentes do curso de medicina um guia de orientações para o atendimento às pessoas com surdocegueira.

METODOLOGIA:

Realizou-se pesquisa quali-quantitativa, aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Campinas sob o CAAE: 36548720.1.0000.5404. Para a coleta de dados utilizou a técnica metodológica “Bola de neve” (ALBUQUERQUE, 2009). Essa metodologia trabalha com amostra não probabilística (LAVILLE & DIONE, 1999) utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais

de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja atingido o objetivo proposto. O primeiro discente convidado a participar da pesquisa fazia parte da rede de contato da orientadora. Esse mesmo discente indicou outros discentes de seu convívio e assim sucessivamente. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário on-line hospedado na plataforma Google Forms contendo questões que versaram sobre as seguintes variáveis: conhecimento da surdocegueira, causas, comunicação, dificuldades encontradas pelas pessoas surdocegas e atuação com essas pessoas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Os resultados serão apresentados em três eixos: 1- Conhecimento dos discentes a respeito da surdocegueira; 2- Atitudes dos discentes em relação aos pacientes com surdocegueira, 3- Guia de orientações a serem disponibilizadas aos discentes participantes. A amostra foi constituída por 16 discentes do curso de medicina da UNICAMP.

1- Conhecimento dos discentes a respeito da surdocegueira;

A maioria (56,3%) dos discentes declarou que já havia ouvido falar da surdo-cegueira. Os resultados do Gráfico 1 evidenciaram o desconhecimento da forma de comunicação utilizada por pessoas surdocegas.

Gráfico 1. Percepção dos discentes a respeito da comunicação da pessoa surdocega.

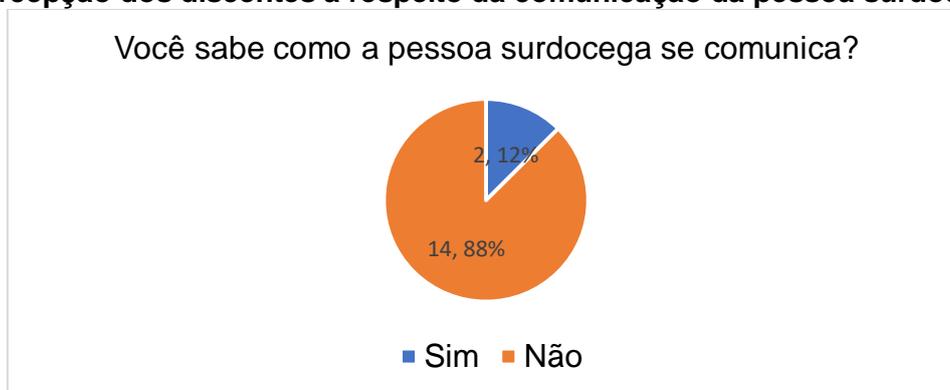


Gráfico 2. Percepção dos discentes a respeito das dificuldades da pessoa surdocega.

Os resultados revelaram que na percepção dos discentes, a pessoa surdocega pode enfrentar dificuldades em suas habilidades perceptivas, motoras, comunicativas e no processo de aprendizagem.

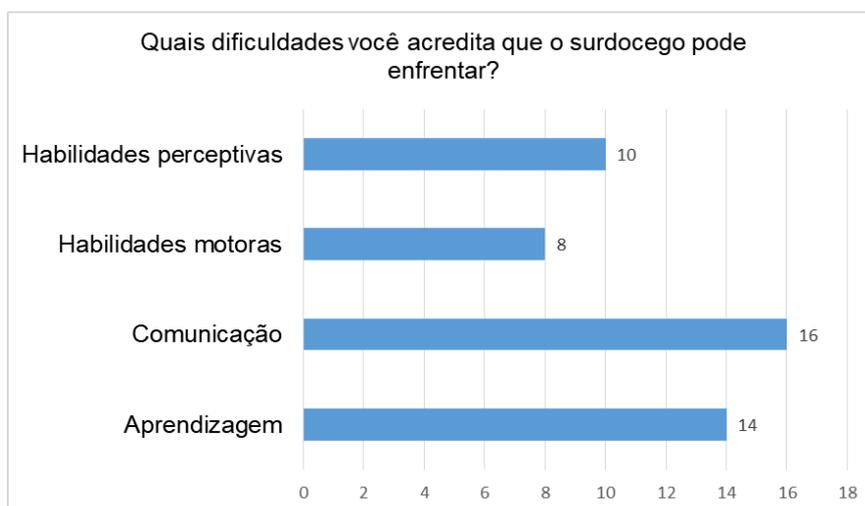
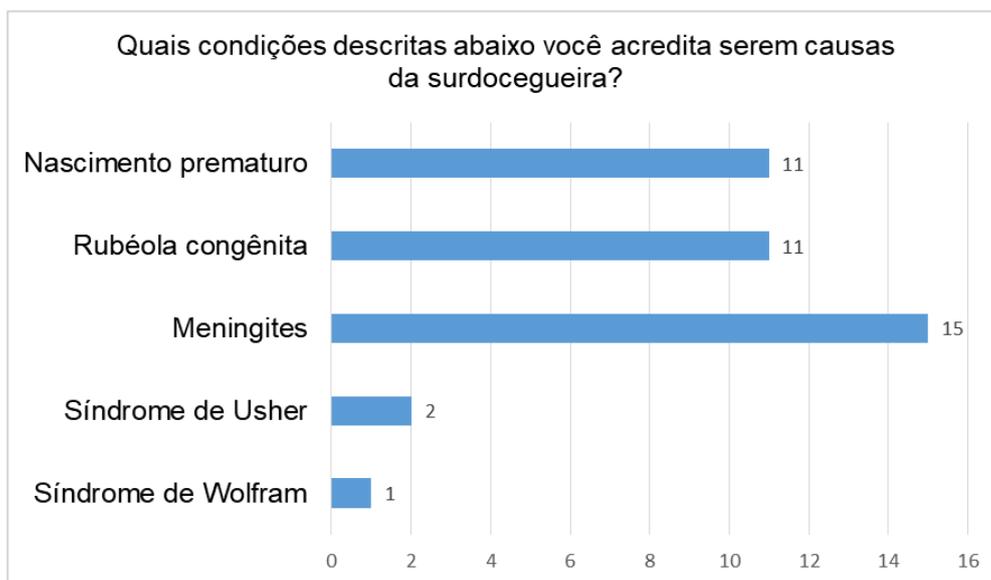


Gráfico 3. Percepção dos discentes a respeito das causas da surdocegueira.

Os resultados destacaram a percepção dos discentes a respeito das causas que podem levar à surdocegueira. Foram apontados o nascimento prematuro, a rubéola congênita, a meningite, Síndrome de Usher e a Síndrome de Wolfram.



Em relação à percepção a respeito das possibilidades do desenvolvimento da linguagem por pessoas surdocegas, a maioria (81,3%) dos discentes declarou conhecer o sistema braile, o sistema háptico (a escrita de palavras em uma parte sensível do corpo dessas pessoas), números em relevo, língua de sinais, alfabeto datilológico em LIBRAS e a ampliação linear de palavras.

2- Atitudes dos discentes em relação aos pacientes com surdocegueira.

Necessidade de formação e novos conhecimentos a respeito da surdocegueira

Verificou-se, a partir da percepção dos discentes a necessidade de conhecimentos:

“Teria de buscar novos conhecimentos, primeiramente, a fim de conseguir estabelecer algum meio efetivo de comunicação para criação de vínculo com o paciente”.

“O ideal é que tivéssemos uma formação para desenvolvermos essa comunicação, mas nem aulas de LIBRAS temos”.

“Gostaria de saber sobre a linguagem com surdocego para abordá-lo de maneira adequada, mas infelizmente não sei”.

“Realmente não tenho ideia e acredito que isso é muito grave”.

Presença de familiares e ou acompanhantes na consulta

“Provavelmente necessitaria de auxílio para estabelecer a comunicação por intermédio de uma outra pessoa. O que considero complicado, uma vez que o paciente pode não se sentir confortável em conversar sobre alguns assuntos na presença de outra pessoa dificultando também o sigilo médico”.

Necessidade de atuação em equipe

“Procuraria um intérprete e/ou assistente social para me ajudar a saber como proceder”.

3- Guia de orientações a serem disponibilizadas aos discentes.

COMPREENDENDO A SURDOCEGUEIRA

Perdas auditiva e visual como uma deficiência única e complexa



Esta pesquisa investigou o conhecimento de discentes do curso de medicina sobre a surdocegueira. Verificou-se que a maioria deles declarou ter ouvido falar da surdocegueira, no entanto, paradoxalmente reconheceram o desconhecimento no tocante à forma da comunicação utilizada por pessoas surdocegas mas, ao serem questionados sobre essas formas de comunicação, a maioria demonstrou conhecimento indicando o sistema braile, a língua de sinais, o sistema háptico entre outras formas. Tais resultados demonstraram que os discentes possuem um conhecimento informal a respeito da surdocegueira que provavelmente foi adquirido ao longo da vida, mas não o conseguem analisar de forma consistente. Estudo realizado por Groce et al (2011), aponta que em relação à saúde, as pessoas com deficiência possuem três vezes maior probabilidade de não conseguir assistência médica. O acesso a essa assistência é escassa devido à falta de recursos financeiros, de acessibilidade, de transporte e de conhecimento e treinamento adequado da equipe de profissionais da saúde. Esses achados se ajustam às respostas dos discentes participantes desta pesquisa, relacionadas às formas de comunicação, porque grande parcela dos discentes declarou não ter ouvido falar das causas e formas de comunicação com a pessoa surdocega. A formação de profissionais criativos, com compromisso social e com práticas inclusivas é uma exigência cada vez maior no mercado de trabalho. São necessárias ações que provoquem mudanças na formação acadêmica e na melhoria no ensino. Desta forma, é necessário que o aluno seja exposto a atividades teóricas e práticas, que possibilitem o enriquecimento ao seu aprendizado (PEIXOTO, et al, 2017). Pesquisa desenvolvida por MASINI (2007) apontou o desconhecimento de docentes do ensino superior a respeito da surdocegueira, destacando a existência de dúvidas em relação às formas de comunicação utilizadas por pessoas acometidas. JAISWAL et al (2018) evidenciaram a escassez de pesquisas, que são tão necessárias ao aperfeiçoamento da prática de acadêmicos, profissionais e principalmente para a implementação de políticas públicas.

CONCLUSÕES:

Na percepção dos discentes há lacunas em relação ao conhecimento teórico e clínico para a atuação com a surdocegueira e demonstraram preocupação com a ausência desse conhecimento para a viabilização da prática profissional. Verificou-se um distanciamento dos acadêmicos em relação às

formas de comunicação com pessoa surdocega, que pode estar associada à ausência de contato com a população de pessoas surdocegas, que ainda é invisível.

BIBLIOGRAFIA:

ALBUQUERQUE, Elizabeth. Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas. Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP; Rio de Janeiro: Ministério da Saúde – Fiocruz, 2009.

CADER-NASCIMENTO, Fatima; FAULSTICH, Enilde. Linguística e a produção escrita de surdocegos. **Revista Moara** – Edição 45 – jan - jun 2016, Estudos Linguísticos.

CHARIGLIONE, Isabelle et al. Os padrões de comunicação da surdocegueira nos contextos familiar e educacional. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 32, n. 1, p. 1-19, 11 dez. 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/30185-172268-1-PB.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2021.

GASPAR, Tânia et al. Surdocegueira: Crianças e Jovens Surdocegos em Portugal. **Journal Of Child And Adolescent Psychology**, Lisboa, p. 35-42. jan. 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/1968-7626-1-PB.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2021.

GROCE Nora, LANG Raymond, TRANI Jean Francois. Disability and poverty: the need for a more nuanced understanding of implications for development policy and practice. *Third World Q.* 2011; 32(8):1493-513

JAISWAL, Atul. Participation experiences of people with deafblindness or dual sensory loss: a scoping review of global deafblind literature. **Plos One**, [S.L.], v. 13, n. 9, 13 set. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1371/journal.pone.0203772>. Acesso em: 15 jun. 2021.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. A construção do saber. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

MASINI, Elcie. Concepções de professores do ensino superior sobre surdocegueira: estudo exploratório com quatro docentes. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 88, n. 220, p. 556-573, dez. 2007.

MASINI, Elcie. Pesquisas Sobre Surdocegueira e Deficiências Sensoriais Múltiplas. **Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 19, n. 18, p. 64-72, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v19n18/07.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2021.

PEIXOTO Lorena, CELESTE Leticia, SILVA Eduardo, MANGILI, Laura. Quality assessment/satisfaction of the learning of practical discipline of the Speech, Language and Hearing Sciences course. *Distúrb. Comun.* 2017;29(4):625-35.

TINO, Cynthia. Linha Braille: Contribuições para maior acessibilidade às informações verbais pelos alunos com surdocegueira. 2018. 264 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza) – Curso de Ciências Sociais, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Londrina, 2018. Disponível em: http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/3549/1/LD_PPGEN_M_Tino%2C%20Cynthia%20Lanzoni%20Costa_2018.pdf#page31. Acesso em: 14 jul. 2021.